

Anunciamos no número anterior constar da nossa Programação Editorial uma tentativa de censo das orquídeas brasileiras para um futuro mapeamento, de generos "maiores" ou "menores". Sabemos das dificuldades que nos esperam, mas não temos pressa e sim pertinácia, até porque, cada vez mais, temos certeza de que Orquidário veio para durar e para atender a uma necessidade nacional.

Evidência da sintonia desta revista com o pensamento orquidófilo brasileiro foi a reação favorável de cientistas, pesquisadores, amadores e orquidófilos à iniciativa. Mal anunciado o projeto editorial e começamos a receber oferecimentos de colaboração e material de toda ordem, tudo que está sendo ordenado e trabalhado para próxima publicação. Já recebemos, apenas para exemplificar, bastante material de Mato Grosso do Sul, remetido pelo orquidófilo Luiz Alvaro Pereira dos Santos e teremos, em breve, uma resenha sobre o Espírito Santo, escrita por Erico de Freitas Machado. João Baptista da Silva, do Pará, nos promete, de Kew Gardens, onde se encontra, informações sobre a Amazonia, que tão bem conhece e assim por diante...

Sabemos quem são os grandes conhecedores dos mais diversos rincões deste enorme santuário de orquídeas que é o Brasil. Cada um deles virá dar o seu testemunho.

Começamos, aqui, com o Distrito Federal, em expressivo trabalho de João Aguiar de N. Batista, que integra um seleto grupo de estudiosos da flora orquidícea de Brasília. Trata-se, como se verá, de contribuição importante, pela pesquisa de campo e bibliográfica e pelo material fotográfico recolhido.

Mas, queremos dizer a todos que podem contribuir que não se inibam imaginando que só queremos contribuições científicas. Não, queremos, também, a experiência pessoal e descompromissada da aventura de cada um na mata...

The subtribe *Spiranthinae* composes a well represented group in Brazil, with many ornamental species that are very poorly know from the general public. In this paper we present general information and images of *Sarcoglottis heringeri*, an endemic species from the Brazilian central plateau, which has been collected very few times. This is the first time, as far as we know, that images of this plant are show to a broader public. Other two closely related species, *S. biflora* and *S. uliginosa* are also presented.

Sarcoglottis Heringeri Pabst

João A. N. Batista¹, Luciano de B. Bianchetti²*,
Anajúlia H. Salles³, Cilúlia M.R.F. Maury⁴ e
Fernando A. T. Andrade⁵.

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vasta obra científica, J.F.G. Pabst publicou vários trabalhos de uma série onde eram apresentadas espécies pouco conhecidas ou raras. Estes trabalhos, desenvolvidos na forma de pequenos artigos, e publicados em sua grande maioria na revista "Orquidea", apresentavam a um público maior estas espécies conhecidas até então somente por um pequeno número de especialistas. Todavia, as limitações dos recursos fotográficos e de impressão da época, restringiam a apresentação destas espécies ao diagrama floral, e a fotografias em preto e branco da planta seca (exsicata). Essas limitações dificultavam bastante a apreciação destas espécies, que, apesar do interesse predominantemente botânico, são em muitos casos extremamente belas e interessantes. Como as facilidades de impressão são hoje em dia muito maiores, permitindo a publicação de fotos coloridas de alta qualidade, pensamos em retornar a essa idéia, através de artigos com fotografias que permitirão uma melhor apreciação de espécies pouco conhecidas do público em geral. Pretendemos, em princípio, que este seja o primeiro de uma série sobre as orquídeas de ocorrência natural em Brasília (Distrito Federal - DF). Todavia, como não nos dedicamos profissionalmente ao estudo de orquídeas, publicações futuras serão fator da nossa disponibilidade de tempo, cuja previsão é no momento impossível de ser feita.

A SUBTRIBO SPIRANTHINAE

As spiranthineas compõem um grupo (subtribo) muito bem definido dentro da família *Orchidaceae*.

Pertencem a um grupo maior (a subfamília *Spiranthoideae*, segundo o sistema de classificação de Dressler), que se caracteriza por ter uma única antera fértil, e pelos grãos de pólen aglutinados em políneas farinosas, macias. A caracterização mais específica das spiranthineas envolve detalhes da estrutura floral e celular, que incluem a estrutura da coluna, com a antera dorsal ereta, posicionada ao lado do rostelo, as políneas ligadas ao viscidium pelo ápice, a existência de células subsidiárias

ligadas aos estômatos, os cromossomos relativamente pequenos e as raízes tuberosas.

O nome do grupo é derivado do gênero *Spiranthes*, que englobou no passado, a quase totalidade das espécies de *Spiranthineas*. Este gênero, ainda hoje válido, inclui principalmente espécies de ocorrência em regiões temperadas do hemisfério norte, não tendo nenhum representante no Brasil.

O nome é decorrente do fato das flores se encontrarem dispostas em espiral ao longo da inflorescência, mas que não é uma característica comum a todo o grupo. Schlechter, em 1920, propôs um novo sistema de classificação, dividindo o grupo em 24 gêneros. Mais tarde, alguns gêneros novos foram descritos. Todavia, o sistema de Schlechter ainda deixa uma margem de dúvida em relação a caracterização de alguns gêneros, de maneira que, ainda hoje, não é seguido por alguns especialistas.

As spiranthineas ocorrem principalmente na América tropical, mas há representantes, em menor número, em quase todos os outros continentes, a exceção da África tropical e austral, e são predominantemente terrestres, com exceção para os gêneros *Eurystyles* e *Lankesterella*. O grupo inclui hoje 28 gêneros e cerca de 275 espécies. Destes, 18 gêneros e 169 espécies ocorrem no Brasil.

No Distrito Federal, o grupo está representado por 8 gêneros e cerca de 30 espécies. Estes gêneros são (com o respectivo número de espécies): *Saurroglossum*(1), *Cyclopogon*(3), *Sarcoglottis*(8), *Pelexia*(5 espécies confirmadas, 3 por confirmar), *Mesadenella*(1), *Stenorrhynchus*(4 espécies confirmadas, 2 por confirmar), *Lyroglossa*(2) e *Pteroglossa* (1).

Todas as spiranthineas de ocorrência no DF são terrestres, ocorrendo em praticamente todos os tipos de vegetação da região, sendo encontrados desde os campos e cerrados secos, até os brejos e matas úmidas. Praticamente todas as espécies do grupo possuem raízes grossas e carnosas, bem desenvolvidas, que são perenes e constituem o principal órgão de armazenamento e reserva da planta.

As folhas, em geral, são estacionais só se desenvolvendo durante o período das cheias, secando e desaparecendo completamente durante o período

seco. Para várias espécies campestres, como *Stenorrhynchus acianthiformis* e *Lyroglossa grisebachii*, nunca chegamos mesmo a observar folhas.

Para as espécies que ocorrem em matas, somente aquelas de matas úmidas ou inundadas, como *Sauroglossum nitidum*, mantem as folhas o ano todo, mesmo as espécies de mata seca, como *Mesadenella esmeraldae*, terminam por perder as folhas durante o auge do período seco. Várias espécies florescem durante o período chuvoso, entre novembro e fevereiro, todavia, um número também grande de plantas floresce em pleno período seco, entre junho e setembro. Entre estas há várias espécies campestres, como *Stenorrhynchus lanceolatus*, que estando com as folhas completamente ausentes, dependem neste período, exclusivamente da reserva de nutrientes e água armazenada nas raízes.

GÊNERO SARCOGLOTTIS

O gênero *Sarcoglottis* foi descrito em 1827 por Karl Borzowod Presl, um professor de ciências naturais de Praga, tendo como tipo o *Sarcoglottis speciosa*, que apresenta o labelo bastante carnoso, característica a partir da qual derivou o nome do gênero: "Sarx" = carne e "Glottis" = língua, ou seja, língua carnosa (= labelo carnoso). Todavia esta característica, apesar de predominante, não é comum a todos os representantes do gênero.

Todas as espécies do gênero são terrestres, de ocorrência na América do Sul e Central. Hoehne cita, na Flora Brasílica, em 1945, cerca de 40 espécies para o gênero. Pabst apresenta para o Brasil, em 1975, 29 espécies. Destas, 8 espécies ocorrem no DF, que são: *S. biflora* (Vell.) Schltr., *S. fasciculata* (Vell.) Schltr., *S. hassleri* (Cogn.) Schltr., *S. heringeri* Pabst, *S. neuroptera* (Rchb. e Warm.) Schltr., *S. rupestris* Barb. Rodr., *S. sagittata* (Rchb.f. e Warm.) Schltr. e *S. uliginosa* Barb. Rodr..

Destas espécies, *S. biflora*, *S. heringeri*, *S. rupestris* e *S. sagittata*, ocorrem em áreas secas com vegetação de cerrado, cerrado ralo, campo sujo e campo limpo. Outras três espécies, *S. uliginosa*, *S. hassleri*, e *S. neuroptera* ocorrem em campos úmidos ou

mesmo inundados, e uma única espécie, *S. fasciculata*, ocorre no interior de matas secas. Em relação a floração, as três espécies de campos úmidos florescem, predominantemente, no início do período chuvoso, entre outubro e novembro. Das espécies de ocorrência em áreas secas, duas também florescem durante o período chuvoso; *S. biflora*, que é possível encontrar florido ao longo de quase todo o período chuvoso, de outubro a fevereiro, e *S. heringeri*, cuja floração é um pouco mais tardia ocorrendo entre dezembro e o início de fevereiro.

Um outro grupo, formado por *S. rupestris*, *S. sagittata* e *S. fasciculata*, floresce em pleno período seco, entre agosto e setembro, quando então o índice pluviométrico cai a praticamente zero e a umidade relativa do ar chega a menos de 20%. Para várias das espécies campestres como *S. hassleri*, *S. sagittata*, *S. rupestris* e *S. neuroptera*, nunca observamos folhas, de maneira que as plantas só podem ser observadas quando estão em floração. As outras espécies que apresentam folhas, perdem-nas durante o período seco, só permanecendo as raízes, o que constitui uma proteção contra a perda de água, por evaporação, e contra os incêndios, extremamente comuns nos campos na época seca.



JAN PAISTA

Detalhe da flor de *Sarcoglottis heringeri*

SARCOGLOTTIS HERINGERI PABST

Esta espécie foi primeiramente coletada pelo Prof. Ezequias Paulo Heringer, em 1964, em Brasília (Distrito Federal). Na época, a planta foi enviada ao especialista J.F.G. Pabst, que a tomou como sendo o *S. homalogastra* (Rchb.f. e Warm.) Schltr., uma espécie até então só conhecida do tipo, coletado por Warming na região de Lagoa Santa. Todavia, quando *S. homalogastra* voltou a ser coletado mais tarde, por G. Hatschbach, no Paraná, ficou claro que esta espécie e a coletada por Heringer eram distintas.

Baseando-se no exemplar coletado por Heringer, Pabst descreveu então este material como uma espécie nova, homenageando o seu coletor.

Depois da coleta inicial, Heringer voltou a coletar a planta em 1966, no mesmo local. A partir de então a planta só voltou a ser coletada, pelo que foi possível verificar, em 1979, na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, por Gates e Estabrook (Gates e Estabrook no. 139, UnB), o que ampliou a sua distribuição geográfica, uma vez que a planta só era conhecida para o DF. Em 1992, baseando-se nos dados da coleta de Heringer, encontramos a planta no mesmo local no qual foi originalmente coletada.

Este continua a ser o único local de ocorrência conhecida e documentada da espécie para o DF.

A partir desta descoberta é que conseguimos examinar a planta e fotografá-la, o que tornou possível a realização deste trabalho.

Esta única população de *S. heringeri* conhecida no DF ocorre numa área de cerrado, com cerrado ralo e campo sujo adjacentes, sobre solo bastante arenoso. Este local, mesmo durante períodos de chuva intensa, nunca fica encharcado, secando rapidamente. A planta brota e floresce durante o auge do período chuvoso, em dezembro e janeiro, e as flores, em campo, não parecem ser de longa duração.

Na Chapada dos Veadeiros foi observada também sobre solo arenoso, mas com mais húmus, escuro, em área de afloramento rochoso. Durante o período seco a parte vegetativa seca completamente, só permanecendo as raízes, que sustentarão uma nova brotação no período chuvoso seguinte.

As folhas do *S. heringeri* são muito parecidas com as de *Stenorrhynchus lanceolatus*, sendo difícil a separação entre ambas. Entretanto, em relação a todos os outros aspectos (estrutura floral, cor das flores, época de floração), são completamente diferentes. No DF, as duas espécies podem ser encontradas no mesmo local, ocorrendo lado a lado. Nos detalhes florais *S. heringeri* é muito parecido com *S. biflora*. Ambas as espécies também ocorrem mais ou menos no mesmo tipo de ambiente, e florescem aproximadamente na mesma época. Todavia, vegetativamente ambas são bastante diferentes, o que permite com facilidade a sua diferenciação. *S. heringeri* tem as folhas bem desenvolvidas, eretas, ovo-lanceoladas, de 10 a 14 cm de comprimento, pouco patentes e de consistência membranácea, e a inflorescência multiflora, com uma média de 10 a 25 flores.

SARCOGLOTTIS BIFLORA (VELL.) SCHLTR.



Planta de *Sarcoglottis biflora* em ambiente natural

Esta espécie é muito próxima, nos detalhes florais, do *S. heringeri*. Todavia, vegetativamente, ambas se diferenciam bem. *S. biflora* tem as folhas sempre em pequeno número (média de 1 a 2), carnosas, rígidas, e dispostas sobre e completamente em contato com o solo. A inflorescência tem em média um menor número de flores, de 1 a 6, podendo, excepcionalmente, chegar até 10 ou pouco mais.

Esta espécie ocorre desde os cerrados até os campos de murundus, sempre sobre terreno seco, nunca inundado, em solo firme. Floresce, no DF, entre outubro e fevereiro. Ocorre nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. É relativamente comum no DF, onde já a observamos em vários locais.

SARCOGLOTTIS ULIGINOSA BARB. RODR.



Inflorescência e detalhe das folhas de *Sarcoglottis uliginosa*

Esta espécie, nos detalhes florais, é também relativamente próxima das duas anteriores. Todavia, distingue-se em vários outros aspectos. *S. uliginosa*

é uma espécie extremamente típica de campos limpos permanentemente úmidos, chegando mesmo a ocorrer em áreas inundadas sobre solo instável.

Vegetativamente *S. uliginosa* é, geralmente, muito menor do que *S. heringeri*, com as folhas, de 1 a 4, tendo entre 2 a 7 cm de comprimento. Todavia, exemplares excepcionalmente desenvolvidos podem ter até 6 folhas ou mais, com estas ultrapassando 20 cm de comprimento. O número de flores é sempre em torno de 1 a 2, nunca atingindo números maiores como em *S. biflora*. E, por último, tem as flores com cor amarela, ou alaranjado claro, enquanto para as outras duas espécies estas são verdes. Floresce, no DF, entre setembro e dezembro. Ocorre em todos os estados do Sul, Centro Oeste, em São Paulo, Minas Gerais e Paraguai.

BIBLIOGRAFIA

- Dressler, R.L. (1981). The Orchids: Natural history and classification. Harvard University Press.
- Foldats, E. (1969-1970). Orchidaceae: Flora de Venezuela, Vol. 15. Ed. T. Lasser. Caracas: Instituto Botânico.
- Hoehne, F.C. (1945). Flora Brasílica: Fasc. 8 (vol. XII, II; 13-43). São Paulo: Instituto Botânica.
- Pabst, J.F.G. (1967). Orquídeas raras e críticas do Brasil - I (*Sarcoglottis homalogastra*). Orquídea 28(2):116, tab. 117.
- Pabst, J.F.G. (1971). New or critical orchids from Brazil: *Sarcoglottis heringeri*. The orchid Review. 79(939): 53-55.
- Pabst, J.F.G. e Dungs, F. (1975). Orchidaceae Brasilenses: Band I Hildesheim: Kurt Schmiersow.

J. A. N. Batista

CALENDÁRIO FLORAL - GÊNERO SARCOGLOTTIS (DF)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<i>S.biflora</i>	*	*								*	*	*
<i>S.fasciculata</i>							*	*				
<i>S.hassleri</i>										*	*	
<i>S.heringeri</i>	*	*										*
<i>S.neuroptera</i>										*	*	*
<i>S.rupestris</i>							*	*				
<i>S.sagittata</i>										*		
<i>S.uliginosa</i>									*	*	*	*
No. espécies em floração	2	2					2	4	4	4	4	4

TABELA COMPARATIVA ENTRE *S.HERINGERI*, *S.BIFLORA* E *S.ULIGINOSA*

FOLHAS

	número	forma	consistência	posição
<i>S.heringeri</i>	1-6	ovolanceolada	membranácea	ereta
<i>S.biflora</i>	1-2	ovaladas subcordadas	rígida	paralelas e em contato c/ o solo
<i>S.uliginosa</i>	1-4	oblongo- lanceoladas	membranácea	ereta

FLORES

número	cor	AMBIENTE DE OCORRÊNCIA	
<i>S.heringeri</i>	10-25	verde	cerrado; campo sujo seco
<i>S.biflora</i>	1-6(10)	verde	cerrado; campo sujo seco
<i>S.uliginosa</i>	1-2	amarela	campo limpo úmido

João Aguiar Nogueira Batista

SHIN QL 7 Conj. 1, Casa 7

71535-275 - Brasília- DF

1) Universidade de Brasília, 2) Centro Nacional de Recursos Genéticos e Biotecnologia, SAIN Parque Rural s/nº, Brasília-DF, Cep 70770-900. * Autor para correspondência, 3) Jardim Botânico de Brasília, 4)FUNATURA.

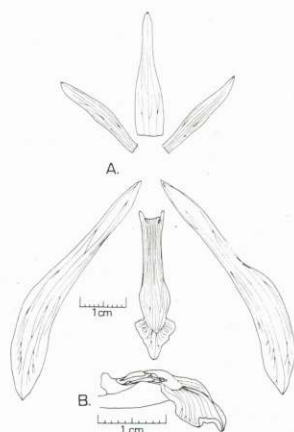


Figura 1.
Sarcoglottis heringeri Pabst
 A. Flor com segmentos dissecados.
 B. Perfil da coluna e labelo

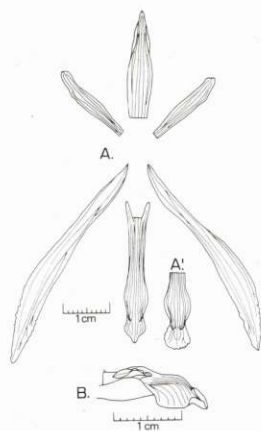


Figura 2
Sarcoglottis biflora (Vell.) Schltr.
 A. Flor com os segmentos dissecados.
 A'. Pequena variação no lóbulo terminal.
 B. Perfil da coluna e labelo

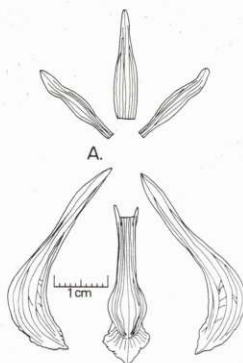


Figura 3.
Sarcoglottis uliginosa Barb. Rodr
 A. Flor com os segmentos dissecados